

Turma jovem sonha em mudar o Congresso

Ana Beatriz Magno

Com a palavra, Suas Excelências da bancada dos fraldinhas. Seis deputados na flor da idade, todos com menos de 26 anos, que hoje tomam posse na Câmara.

Chegam ao Congresso com o primeiro mandato nas mãos, um apetite adolescente pela política e a esperança de mudar a cara do Legislativo.

Tarefa difícil para quem nasceu em berço político. Quatro dos fraldinhas são parentes de gente que já esteve ou está no poder.

"Mas sempre procurei me diferenciar do meu pai naquilo que eu achava errado", garante Emerson Pires (PSDB-RO), herdeiro do ex-senador Olavo Pires (PTB-RO), assassinado em 1990 durante a campanha ao governo de Rondônia.

Os fraldinhas desembarcam no Congresso com promessa de rebeldia. Ubaldino Júnior (PSB-BA), 24 anos, não está nada satisfeito com a decisão do guru do partido, governador Miguel Arraes, de apoiar o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) para a Presidência da Câmara. "Como baiano não posso aceitar isso", diz Ubaldino.

Fotos: Carlos Eduardo



Emerson Pires
(PSDB-RO)

Emerson, 23 anos, tem tudo para ser um deputado-problema no Congresso. Defende propostas polêmicas, como a vinculação do salário do parlamentar à sua produtividade durante o mandato. Rebelde, ele não tem vergonha de discordar de velhos caciques da política, ainda que um deles seja o presidente Fernando Henrique. "Ao vetar o mínimo de R\$ 100, Fernando Henrique passa por cima de todo o estatuto da social-democracia e esquece as promessas de campanha", dispara, sob os olhos corujas da mãe Ana Maria, que se mudou para Brasília apenas para acompanhar a trajetória do filho, casado com uma rondonense.



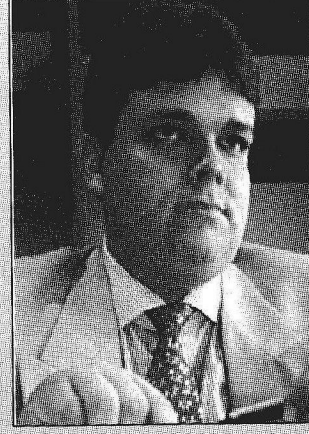
Vanessa Felipe
(PSDB-RJ)

Vanessa tem intenções sérias no Congresso. Aos 22 anos, não quer ser chamada de musa e recusa o bastão de herdeira da deputada Rita Camata (PMDB-ES), musa até então sem concorrente. "É preciso encarar o mandato com seriedade. Se todos trabalharem com a pureza da juventude, que acredita poder mudar tudo, pelo menos um pouquinho será mudado", acha a deputada. Filha do vereador carioca Jorge Felipe (PSDB), Vanessa teve seu primeiro emprego aos 9 anos de idade. Trabalhava numa sorveteria do pai, em Campo Grande, na zona oeste do Rio.



Ricardo Gomyde
(PC do B-PR)

Ricardo trocou esta semana o conforto da casa dos pais em Curitiba por um apartamento em Brasília. Virou deputado, mas ainda hesita em usar o paletó e a gravata. Ex-diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE), Ricardo tem 24 anos e não pretende envelhecer dentro no Congresso Nacional. "Tenho muita estrada pela frente, não quero fazer carreira aqui dentro, tenho muito que estudar", diz. Mas promete que, enquanto estiver com o mandato nas mãos, vai se dedicar com exclusividade ao Congresso. Nos intervalos do trabalho do Congresso, Ricardo pretende fazer faculdade de jornalismo em Brasília.



Wolney Queiroz
(PDT-PE)

Wolney é o caçula da Câmara. Há dois meses, em dezembro, fez 22 anos, mas jura que não é cedo para entrar no Congresso. "Com 9 anos eu já fazia discurso nos comícios de meu pai em Caruaru" (PE), diz. Seu pai, José Queiroz, é prefeito de Caruaru e foi acusado nas eleições de 3 de outubro de usar a máquina da prefeitura em favor do filho. O TRE cassou Wolney, que ficou arrasado e prometeu que "a justiça seria feita". Na última quinta-feira, o fraldinha caçula respirou aliviado. O Tribunal voltou atrás na sentença. "Agora vou ajudar a mudar o jeito de se fazer política aqui", promete.



Lindberg Farias
(PC do B-RJ)

Ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Lindberg, 25 anos, conheceu a fama em 1992, quando liderou o movimento dos caras pintados. Na época, defendia que os partidos deveriam ficar do lado de fora dos campus universitários. Ele, no entanto, já estava nas fileiras do PC do B, mas mantinha sua filiação comunista em segredo. Em 93, a direção do PC do B resolveu que o partido deveria ter no Congresso Nacional o que no jargão comunista é chamado de "representantes da juventude". Os candidatos seriam Ricardo Gomyde e Lindberg. Os dois foram eleitos e hoje são tratados a pão-de-ló pelo partido.